



## FLORES DA COR DA TERRA

**Lívia Petry<sup>1</sup>**

Os braços domaram a enxada nas dobras da manhã, levantaram a terra debaixo do sol sem tréguas. O homem vestiu o chapéu de palha, olhou para as mãos cheias de calos, lembrou-se das palavras do avô. Pegou o saco de sementes, arrastou-o para perto de seus pés. O campo era vasto, a mulher em nada podia ajudá-lo. Viu o chão cindido pelo sol, retomou o trabalho. Revolveu o solo, amaciava sua pele terrosa. Depois viria a sementeira, o tempo de espera, as espigas verdinhas, a colheita. Sempre o mesmo, se não caísse nenhuma chuva de granizo, se a seca outra vez não revelasse sua face, se o gerente do banco não viesse cobrar-lhe as promissórias antes das vendas.

Dobrou a espinha num gesto costumeiro, movimentou-se como um pêndulo sobre o terreno. O suor descia pelo rosto, molhava a camisa remendada, as calças feitas de um pano que a mulher guardara dos tempos do casamento. Sentia o calor inundar as costas, a nuca, feito uma espada de fogo fincada nele. Ouviu ao longe o canto do Sabiá pousado numa cerca. Lembrou do riso das crianças, de Leomar correndo sobre os campos, puxando o burro e o arado. Leomar tinha o vigor dos pequenos, gritava, chamava pelo pai apenas para mostrar os sulcos que havia feito na terra. Carregava baldes de leite, ajudava a mãe na ordenha das vacas, carregava feixes de gravetos para acender o fogão. Era feito fosse um homenzinho, todo ele espigado, cheio de sabedorias ingênuas, perguntava: por que o sol não cai? Pra onde vão os pássaros depois que morrem? Viram estrelas?

Mãe e pai desconversavam, diziam que tudo o que morre volta pra terra, ela devora tudo e todos. O menino insistia, queria saber mais, desentendia-se. Vinha inquirindo: “mas mãe, se a terra dá o que comer pra gente, como é que ela come os mortos? A gente come os mortos também?” A mãe ria, respondia dum jeito simples, falava que a terra se alimentava de tudo, até de gente. O menino se não entendesse, perguntasse pro pai. E lá ia Leomar, olhinhos acesos, pôr o pai em apuros. Mas José tinha outras explicações, falava que tudo no mundo tinha um tempo de existir, depois o sopro da vida ia embora. Aí sim, se abria um buraco na terra pra enterrar o que

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura Portuguesa e Luso-Africana na UFRGS, poeta, escritora, com dois livros publicados: O Exílio das Palavras (Poesia) AGE, 2001 e "Flores da Cor da Terra" (Contos) Nova Prova, 2009.



sobrava. O guri ouvia-o atento, quieto. Depois pegava um estilingue e perguntava: “quer caçar estrelas comigo?” O pai se recusava a tais brincadeiras, via-o ir sozinho para o quintal.

Os dedos ardiam no cabo grosso da enxada, faziam força, puxavam pra cima, a lâmina resvalando o solo. Sempre os mesmos movimentos, sempre a mesma gana de preparar os campos. Os olhos caídos no marrom do chão, aquela pergunta resvalando dentro, criando raízes. Um gemido tomou conta da garganta: gemido fundo, de séculos, de eras inteiras. Ele olhou para as sementes esperando a hora de pousá-las nos sulcos, lembrou da mulher. Ana tinha esses cabelos negros, lisos, compridos. Os olhos dum verdume só, pisca-piscando pros dele. Chegava-se em braços, em pernas, envolvia-o em carinhos. Feito gata manhosa sussurrava: “me faz um filho”, e arranhava-lhe as costas. Depois, vinha faceira, a barriga empinada, o nome do rebento nos lábios.

E o céu inteiro azul, sem nuvens, sem uma gota de chuva. O céu descendo sobre ele, braços abertos. O suor criando lagos nas costas, no peito, na testa. O cabelo molhado, fedendo. O esterco misturado ao solo, aquela secura comendo os ossos. Sentiu a dor assombrando os braços, a espinha. A mesma dor que o consumia havia seis meses, intermitente, crônica. Fossem punhais descendo sobre as juntas, as vértebras. Sentiu o corpo soçobrar, curvou-se. Sentiu a pontada arranhando as vísceras. Um não sei quê de desconforto gritando, abrindo comportas. Jogou a enxada no chão num gesto raivoso. Sorveu aquelas lágrimas querendo saltar dos olhos. Sentiu outra vez os raios de luz cegando-lhe as vistas, desfazendo a paisagem. Quis esmurrar o saco de sementes, mas não tinha forças. Quis berrar, mas a voz não saía. Um zunido nos ouvidos fez-lhe lembrar do pio da coruja. Aquele pio de coisa funesta, anunciando o inevitável.

O filho perguntando sobre o cachorro que haviam sacrificado. Leomar e suas teses sobre o céu dos cachorros mortos, cheio de ossos, pedaços suculentos de carne, cadelas no cio. Leomar cheio de sonhos, planejando brincar de fazenda, uma boiada feita de penas de galinha e gravetos. Leomar correndo atrás dos pintos, querendo pegá-los nas mãos, fazer-lhes carinhos. O rosto rosado do sol, a risada de guri travesso. A mãe mexendo o tacho de doce de leite, cantando as músicas de Roberto Carlos. E ele cheirando tudo, aproveitando as distrações dela, se lambuzando de doce.

A dor: ser peça falha em engenho frágil. A dor feito vespa, mordendo, fincando espinhos na carne. O menino e suas enxaquecas, dor de cabeça besta, manha de criança. O menino



querendo botar gelo na testa pra ver se passa. O menino em febres. O calor fazendo caminhos no corpo, na terra. Abafando as vistas, a voz. E o calor descendo em tudo, secando o arado.

José sentiu o tremor nas mãos, nos braços. Ainda assim, tomou algumas sementes entre os dedos, jogou-as na terra. Uma secura invadia a garganta, o dia, o chão. Um deserto abrindo-se em cada gesto, cada respiração. Fosse o mundo inteiro uma bola de fogo ardendo, fosse o tempo um único grito, um espasmo. Sentiu o soluço subindo, as lágrimas querendo descer. Molhar as sementes com aquela água, fazer a dor expandir-se em espigas verdes, em flores da cor da terra. Revolver o pranto com a enxada dos dias, fazer carinhos na terra, ela que devora tudo e faz nascer os frutos. Ela, que engole as horas e os restos de comida, o esterco e a peçonha das víboras. Olhou os campos à espera da prenhez das sementes, à espera do verdor. E sentiu um arrepio frente à imensidão terrosa, mar de espigas a haver. Um aperto foi desfazendo as fibras da alma, invadindo-o junto com esta solidão de quem perdeu um braço, de quem anda aos pedaços, catando os restos caídos no chão. Ergueu os olhos e viu o sol apunhalado sangrando os restos do dia. Ajeitou o chapéu de palha, juntou a enxada, pôs sobre os ombros, seguiu em passos lentos o caminho longo, o caminho de casa.

Categoria: Histórias Inventadas

Pseudônimo: Ana Terra Meireles